



“A GENTE TÁ VIVENDO UMA VIDA SEM PAZ”: EXPERIÊNCIAS DOS PRIMEIROS 6 MESES DE QUARENTENA DO COVID-19 PARA MULHERES DA PERIFERIA DE SALVADOR

“We are living a life without peace”: quarantine experiences during the Covid-19 pandemic among women on Salvador's outskirts

Tháise Sá Santos
Danish Institute for
International Studies, DK
E-mail: thaise_itapetinga@hotmail.com

Marie Kolling
Danish Institute for
International Studies, DK
E-mail: mako@diis.dk
Orcid: orcid.org/0000-0002-7696-1022

DOI 10.29327/2797743.2.1-6

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou entender como moradores da periferia de Salvador, marcada pela pobreza urbana, lidaram com a vida em quarentena durante os primeiros 6 meses da pandemia do covid-19 na cidade. Baseada numa pesquisa antropológica conduzida desde 2012 entre mulheres negras, mães de família, que foram entrevistadas no mês de agosto de 2020. A partir dos dados coletados, ficou evidente que as condições de vida e moradia tornam a experiência de quarentena ainda mais difícil para essas pessoas. Todas tiveram seu meio de sustento afetado, porque a maioria transitava entre trabalhos informais e subempregos, e passaram a depender de auxílios financeiros e de outras ordens, provenientes dos governos. Sobrecarga de trabalhos domésticos, estresse, ansiedade, insegurança e medo de um futuro próximo, quando o auxílio financeiro acabar, marcam a vida dessas pessoas, que se tornaram ainda mais inseguras que antes. Mais que medo do coronavírus em si, as mulheres temiam a pobreza extrema e as outras epidemias que estão impactando a vida na periferia de Salvador.

Palavras-chave: Covid-19. Vida cotidiana em quarentena. Periferia. Desigualdade. Salvador.

ABSTRACT

This paper presents the findings from a study examining the experiences and concerns of families living on the outskirts of Salvador during the first 6 months of the Covid-19 pandemic. The study is part of ongoing anthropological research since 2012 among black women and their families and draws mainly on interviews conducted in August 2020. The impact of the quarantine was evident in their daily lives that was marked by anxiety, insecurity and fear of the near future. Financial insecurity was also exacerbated by the pandemic with the majority of the women losing their livelihood or having their livelihoods significantly reduced while their unpaid care work at home increased. They depended on financial aid from the state and various means of credit, acutely aware that the financial aid was only a temporary measure. With the heightened levels of uncertainty about the present and the future, women feared abject poverty more than the coronavirus itself and other epidemics that were causing severe illness and distress in Salvador's low-income neighbourhoods.

Keywords: Covid-19. Daily life during quarantine. Periphery. Inequality. Salvador.

INTRODUÇÃO

Temos que chorar o luto, viver o momento, o tempo de luto precisa ser vivido tranquilamente, precisa viver o tempo da doença, o tempo da tristeza. A Bíblia diz que há tempo para todas as coisas e esse é o tempo, tempo de parar, tempo de reflexão, tempo de refletir, tempo, em especial, de olhar pra nós. (Fala de Dona Conceição)

O coronavírus chegou a Salvador no início de março, por meio de brasileiros da elite que voltaram de férias na Itália. Como em outras cidades brasileiras, eles o repassavam aos amigos em glamorosos jantares e festas de casamento e às empregadas domésticas. As empregadas domésticas levaram o vírus às comunidades pobres da cidade. Duas semanas depois que o vírus chegou em Salvador, o prefeito, ACM Neto, ordenou que as pessoas ficassem em casa e decretou estado de emergência (Secom, 2020). O Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Salvador tomaram medidas semelhantes para conter a pandemia. Surgiu uma relação de cooperação entre o Poder Público Municipal e o Poder Público Estadual, enquanto a relação desses dois poderes e a União, contudo, ganhou outros contornos, o de conflito (Pereira; Arantes, 2020). Desde o início, o presidente Jair Bolsonaro oscilou entre minimizar a gravidade do vírus e negá-lo completamente. Ele afirmou repetidamente que o distanciamento social e as medidas de quarentena são ruins para a economia. Mas nem vidas, nem economia foram salvas. Em 1º de setembro, o Brasil entrou oficialmente em recessão (Mendonça, 2020). Em 15 de setembro, o Brasil atingiu 132.000 mortes causadas pela covid-19, tornando a doença a causa de morte com a maioria das vítimas já registradas em um único ano (incluindo causas naturais e não naturais, como homicídio) (Madeiro, 2020).

As interlocutoras da pesquisa em que esboçamos os resultados neste artigo são mulheres negras, mães de famílias, com diferentes configurações familiares. Elas são moradoras de bairros periféricos, principalmente no Subúrbio Ferroviário, um aglomerado de 12 bairros situados na zona norte da cidade.¹ A quarentena significava, para as mulheres que entrevistamos, um maior tempo em casa com uma sobrecarga de trabalho invisível, aumento das despesas domésticas, a interrupção parcial ou total de suas atividades econômicas e a consequente necessidade de recorrer aos auxílios emergenciais dos governos. O risco do desemprego ou encolhimento do emprego gerou uma profunda incerteza com o futuro e a experiência de uma vida de repente confinada a casa. Antes da pandemia do covid-19, algumas das famílias se sustentavam com o equivalente a meio salário-mínimo por mês ou menos.

A pandemia do coronavírus deixou ainda mais evidentes as desigualdades no país. Pois é justamente para as populações mais vulneráveis econômica e socialmente, e em espaços mais precários da cidade que a pandemia chega de forma mais violenta (Werneck; Carvalho, 2020; Minayo; Freire, 2020; Almeida; Lücman; Martelli, 2020). Em recente estudo, Macedo, Ornelas e Bomfim (2020) chamam a atenção para as possíveis consequências da pandemia em populações “subalternizadas”, o risco apontado por eles era do “cerceamento do direito de compra” e a ausência de políticas públicas eficazes nas favelas. Soma-se a isso a desigualdade de acesso aos serviços de saúde, que atinge de forma mais significativa os pobres e um sistema

¹ Os bairros são: São Tomé, Paripe, Fazenda Coutos, Coutos, Nova Constituinte, Periperi, Praia Grande, Rio Sena, Alto da Terezinha, Itacaranha, Plataforma e São João do Cabrito.

de saúde público insuficiente (Costa, 2020; Werneck; Carvalho, 2020). A crise econômica gerada pela pandemia também afeta, de forma desproporcional, essa parcela da população: eles são as maiores vítimas do desemprego e da informalização do trabalho (IBGE, 2020; Costa, 2020). Em maio de 2020, Salvador e sua região metropolitana retomaram o duvidoso recorde da cidade com a maior taxa de desemprego do país e as mulheres representavam 60% dos desempregados (Carvalho; Fernandes, 2019; Da Redação, 2020;).

Nesse sentido é que investigamos as consequências da quarentena na vida das moradoras de periferias de Salvador como parte de um estudo qualitativo sobre a vida em quarentena entre os pobres urbanos no Brasil, realizado por Autor/B e Autor/A. O estudo faz parte da pesquisa em andamento de Autor/B em Salvador, iniciada em 2012, da qual essas mulheres fazem parte desde o início. As entrevistas desta pesquisa foram realizadas em agosto de 2020. No início de setembro, Salvador era a cidade do Brasil com o quarto maior número de infecções e o quinto maior número de mortes, segundo o Portal COVID-19 Brasil (2020).

A pesquisa foi pensada e elaborada remotamente pelas pesquisadoras que mantiveram contato em todas as etapas da pesquisa. Realizamos ao todo 5 entrevistas, além de conversas pelas mídias sociais com essas e outras moradoras que também são nossas interlocutoras nessa e em outras pesquisas em andamento. As entrevistas tiveram duração média de 1:10min. Todas foram feitas por telefone, para seguir as recomendações de isolamento social dadas pela Organização Mundial da Saúde na época, e, assim, não expor as interlocutoras ao risco de contaminação por coronavírus. Antes de iniciar as entrevistas, obtivemos o consentimento informado de cada uma delas, as interlocutoras receberam informação sobre os objetivos da pesquisa e foi solicitada permissão para incluí-las no estudo (Hardon *et al.*, 2001, p. 282). Garantimos, também, que os dados seriam tratados de forma confidencial e que seus nomes não seriam utilizados em nenhuma publicação ou apresentação. Portanto, todos os nomes usados neste artigo são pseudônimos para proteger suas identidades.

Este artigo esboça uma análise que busca elaborar como a pandemia do coronavírus e a quarentena adotada pelos poderes públicos² afetaram o cotidiano das pessoas de comunidades da periferia de Salvador. Na primeira seção, fizemos uma contextualização da pesquisa. Como as famílias já viviam numa situação de carência antes da pandemia, apresentamos o impacto econômico causado pela pandemia e pela quarentena; na seção seguinte, analisamos a consequente dependência dos auxílios emergenciais gerada pela precariedade econômica agravada pela pandemia. Na sessão “Isolamento social, estresse emocional, medo e incerteza do futuro”, analisamos o impacto emocional causado pela pandemia do covid-19. Em seguida, mostramos a convivência dessas pessoas e suas famílias com a pandemia e outras epidemias que assolam o território baiano. Por fim, realizamos uma breve discussão sobre a sensação de insegurança relatada por nossas interlocutoras.

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Parte de nossas interlocutoras já foi vizinhas em uma mesma ocupação, num parque público de floresta tropical na região do Subúrbio Ferroviário, e sofreram processo de “remoção involuntária” no início da década passada (Conder; Sedur, 2009). Em Salvador, para muitos moradores, ocupações informais tornam-se uma das poucas possibilidades de habitar a cidade, que passa a crescer de forma irregular e autoconstruída, e quase sempre em áreas precárias, nas quais carecem de processo de regularização e os serviços básicos, quando chegam, só chegam tardiamente (Carvalho; Pereira, 2006; Vasconcelos, 2006; Soares, 2009).

² Medidas das três dimensões dos poderes executivos - Nacional, Estadual e Municipal - incidiram sobre a vida dos moradores urbanos no Brasil e é nesse sentido que usamos “poderes públicos” no plural.

O Subúrbio Ferroviário é uma região destinada pelo poder público a ser vetor de crescimento popular, o que, em Salvador, significa concentração da pobreza. Ela cresceu mesclando formas parcamente planejadas, como os loteamentos habitacionais destinados à população de baixa renda, e o crescimento desordenado com construções irregulares.³ É uma região da cidade que concentra diversas sobreposições de carências. Ao falar sobre essa parte da cidade, Carvalho e Pereira (2006, p. 98) descrevem-na como a que contém “condições mais precárias de habitabilidade e uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos [...]”. Foi no Subúrbio Ferroviário que houve a primeira expansão de moradias precárias autoconstruídas em Salvador, na década de 1940, e foi lá onde os primeiros assentamentos informais surgiram uma década depois (Vasconcelos, 2006).

O bairro onde elas moravam era localizado numa área definida como uma Zona Especial de Interesse Social - ZEIS, seguindo a mesma lógica da periferização da pobreza histórica do município de Salvador. Nessa área, um projeto de urbanização de favelas foi planejado e implementado por duas agências de desenvolvimento urbano no âmbito do Governo do estado da Bahia, SEDUR e CONDER. Como parte do projeto, a invasão foi demolida e o bairro, que fazia fronteira com o parque, aqui chamado de São Mateus, recebeu nova infraestrutura como pavimentação, drenagem, iluminação, benfeitorias residenciais, novas moradias, novas estradas e áreas recreativas públicas, como parques infantis. Para abrir caminho para essas melhorias, mais de mil famílias, a maioria das quais viviam na área há décadas, foram deslocadas e reassentadas em conjuntos habitacionais construídos pelo Governo do Estado da Bahia no mesmo bairro ou bairros vizinhos.

O processo de reassentamento se deu a partir de 2012. O conjunto habitacional para onde as mulheres foram reassentadas nunca foi regularizado, apesar de a regularização fundiária ter sido uma das promessas feitas pelo poder público às famílias reassentadas nas unidades habitacionais construídas pelo CONDER (Kolling, 2019).⁴

As casas para onde parte das famílias foram realocadas, por sua vez, eram extremamente pequenas, 42m². O novo conjunto habitacional fica localizado a uns 3,5 km da antiga invasão, em uma encosta de frente para o mar. Algumas casas são separadas umas das outras por corredores bem estreitos e não possuíam qualquer traço de acabamento. O chão não tinha piso, as portas e janelas eram de má qualidade e o número de quartos insuficiente para a maior parte das famílias que a receberam. Muitos moradores se endividaram ao longo dos anos com melhorias que empreenderam em suas casas, colocando pisos de cerâmica, construindo puxadinho onde era possível construir. Alguns conseguiram modificar bastante suas casas, transformando-as em espaços melhores para habitar. Outros, simplesmente desistiram dela, se mudaram, mesmo que isso tenha acarretado o retorno à moradia de aluguel. É nesse contexto de sobreposição de carências que se situam nossas interlocutoras.

Duas das interlocutoras moravam em São Mateus antigamente e, na época dessa pesquisa, moravam no bairro do Uruguai, mas continuaram frequentando uma Igreja evangélica no antigo bairro. O bairro do Uruguai sofreu medidas restritivas adotadas no fim do mês de maio devido às elevadas taxas de infecção. Pontos de fiscalização controlados pela Polícia Militar impediam as pessoas de ter acesso a ele, a menos que fossem residentes, e a movimentação dos moradores fora de alguns bairros foi restrita às atividades essenciais. Enquanto o *lockdown* foi suspenso, as medidas de quarentena continuavam com a recomendação de isolamento social e medidas de distanciamento social como: suspensão de aulas em colégios da rede privada e pública; redução ou até suspensão dos transportes públicos; restrição nos templos religiosos; atividades comerciais fechadas, enquanto serviços

³ Vasconcelos (2006) faz um apanhado histórico sobre a formação dos bairros populares em Salvador.

⁴ Kolling analisa esse processo de remoção e reassentamento no artigo “Becoming favela. Forced resettlement and reverse transitions of urban space in Brazil” (2019).

essenciais, como supermercados e farmácias, funcionavam em horário reduzido das 10h às 16h.

ATIVIDADES ECONÔMICAS PREJUDICADAS

*A gente saía pra vender sonho, vender as coisas e agora não tá dando,
né, que ninguém quer comprar*
(Fala de Lúcia)

Mbembe (2020, não paginado) descreveu o mundo assolado pela pandemia do covid-19 como “tempos sem garantia nem promessa, em um mundo cada vez mais dominado pela assombração de seu próprio fim” e alertou para o fato de que “serão muitos aqueles que infelizmente, não passaram pelo buraco da agulha”, esses muitos não seriam aleatórios, mas justamente aqueles já prejudicados pela relação predatória do homem com tudo o que é vivo. Santos (2020), por sua vez, também falou sobre a seletividade da pandemia, ela não chegaria da mesma forma a todos os indivíduos, ao contrário, atingiria alvos privilegiados, de forma desproporcional, alertando entre outros grupos, para aqueles nos quais submeter-se à quarentena e às medidas de isolamento e distanciamento social significaria passar a abrir mão do seu sustento.

Os pobres urbanos de Salvador convivem com uma significativa desigualdade social e econômica. Segundo dados do IBGE (2020), 36,8% da população tinha renda nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo, em 2010. Isso se materializa também no tecido social urbano; no bairro que chamamos aqui de São Mateus, 50,1% dos responsáveis pelos domicílios tinham renda de 0 e 1 salário-mínimo, no ano de 2016, segundo o Observatório de Bairros de Salvador.⁵

Em estudo publicado pelo Observatório das Metrôpoles, Carvalho e Fernandes (2019) sintetizam os dados de desocupação da Região Metropolitana de Salvador a partir da PNAD contínua. Elas argumentam que, se somados “todo o conceito de subutilização da força de trabalho (desocupação, subutilização da força de trabalho e força de trabalho potencial), a RMS parte de 25% em 2012 e ultrapassa os 32% em 2018” (Carvalho; Fernandes, 2019, p. 17).

Em tempos de pandemia, o cenário nacional também não é muito animador. De acordo com dados do PNAD-Covid, a taxa de desocupação no país, no mês de agosto de 2020, transitou entre 13,3% e 14,3%. O número de pessoas que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, no mesmo período, oscilou entre 18.311 e 17.056 milhões. E 2.7 milhões de pessoas estavam afastadas dos seus empregos devido ao distanciamento social, na segunda metade do mês de setembro (IBGE, 2020).

Nesse contexto de “vulnerabilidade e precariedade ocupacional” (Carvalho; Pereira, 2006, p. 98) é que se inserem nossas interlocutoras. Elas se encaixam no que Santos chamou de “Sul da quarentena”, “grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela”. Segundo essa abordagem, “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (Santos, 2020, não paginado).

Desde que começou a quarentena na cidade, elas tiveram suas atividades econômicas abaladas. Os trabalhos que realizavam para sustentar a si e, parcial ou totalmente, os filhos

⁵ O Observatório de Bairros de Salvador, iniciativa da Universidade Federal da Bahia, utiliza dados do relatório *Infoms 2016*, da Conder. Infelizmente, o relatório da Conder não está mais disponível na internet.

transitavam entre trabalhos informais e subempregos. Antes do surto da covid-19, Rafaela ganhava a vida com vendas ambulantes, vendas de roupas de segunda mão no bairro e serviços de limpeza mal pagos. Apesar das suas várias atividades econômicas, sua renda total estava abaixo da linha da pobreza. Desde a imposição da quarentena, ela só foi chamada uma vez para um serviço de limpeza. Com a maioria das pessoas em casa, e muitas pessoas com salários reduzidos, as mulheres que a chamavam estão assumindo as tarefas domésticas elas mesmas. E com poucas pessoas nas ruas e o consumo na cidade bastante reduzido, poucas pessoas estão comprando, então, não vale a pena o esforço ou o risco de sair e tentar vender suas mercadorias. Rafaela mora com sua filha na casa da avó, que tem diabetes, por isso ela precisa ter cuidado para não levar o vírus para casa.

Com todo mundo em casa e ninguém na rua, na quarentena elas não conseguiram mais manter esses trabalhos. Rosa vendia roupas, a maior parte de sua freguesia era conquistada indo de porta em porta mostrar sua mercadoria. O esposo dela tem um emprego com carteira assinada numa loja de colchões e, desde que começou a quarentena, ele teve os dias de trabalho, e também o salário, reduzidos. Ela, por sua vez, não conseguiu manter sua atividade com vendas e viu sua renda, que era fruto de “correr atrás”, como ela mesma descreve, ser reduzida a zero.

Lucia vendia sonho de padaria com o filho mais velho nas ruas do bairro; o dinheiro das vendas, mais o Bolsa Família que recebia e a pensão de R\$200,00 paga (quando ele pagava) pelo pai dos três filhos dela era o dinheiro com que eles sobreviviam e, assim como as outras mães, também não conseguiu manter suas vendas.

Dona Conceição, que tinha emprego formal, estava ganhando apenas 10% do valor original do seu salário. No período da entrevista, ela se questionava sobre o que poderia comprar com 10%. O marido dela, que é motorista em uma empresa de ônibus, passou pelo mesmo processo e trabalhava com medo dos assaltos aos transportes coletivos que, segundo ela, haviam aumentado.

A fragilidade econômica da vida de nossas interlocutoras soma-se a outras sobreposições de carências, como o acúmulo de jornadas de trabalho e a falta de qualificação, e, para quem tem filhos pequenos, como Rafaela e Lúcia, a responsabilidade de cuidar dos filhos. Além de lutar para se sustentar com uma renda baixa, elas lidam, no dia-dia, com vários tipos de dívidas por precisarem comprar fiado, com isso abrem linhas de crédito em lojas e atrasam pagamentos de serviços públicos como água e luz. Dentre as contas atrasadas também estão pequenas compras com vendedores ambulantes locais, alguns vizinhos que vendem cesta básica, gás de cozinha e outros artigos de necessidade básica. Dívidas devido a compras com cartões de crédito também são comuns, incluindo cartões emprestados de outras pessoas, como um parente, vizinho, ou empregador, pois, muitas vezes, os próprios cartões já estão esgotados e o “nome sujo” (Kolling, 2020). Quanto às interlocutoras que trabalham como vendedoras ambulantes na área local, também é comum que outras pessoas acumulem pequenas dívidas com elas, alguns clientes atrasam os pagamentos ou deixam de pagar (ibid).

Para muitos brasileiros pobres, como Rafaela e Dona Conceição, ficou difícil pagar suas despesas mensais. Isso é ainda mais complicado por um forte aumento nos preços dos alimentos no Brasil, uma tendência em todo o continente latino-americano durante a pandemia. Alimentos básicos, como feijão, aumentaram mais de 30%. As famílias também têm novas despesas, como máscaras faciais, álcool em gel e produtos de limpeza desinfetantes.⁶ No início, eles eram difíceis de conseguir e difíceis de pagar, mas o fornecimento se tornou

⁶ Nossas interlocutoras afirmam que o preço da máscara de tecido custava entre R \$4,00 e R\$6,00 a unidade. O álcool gel que chegou a ser comprado até por R\$30,00 reais o litro, custava mais barato no período da entrevista e o consumo com material de limpeza havia aumentado bastante.

mais estável e os preços mais razoáveis. Essa precariedade econômica foi atenuada pelo Auxílio Emergencial do Governo Federal.

DEPENDÊNCIA DO AUXÍLIO EMERGENCIAL DO GOVERNO FEDERAL

Antes de qualquer jeito a gente pegava a nossa mercadoria na rua e saía vendendo e agora não tá sendo assim [...] E aí o meu medo mais é esse, eles tirar o auxílio e como é que eu vou viver com os meninos?
(Fala de Lúcia).

Entre maio e agosto, as interlocutoras, que são beneficiárias do Programa Bolsa Família, receberam o auxílio emergencial do Governo Federal. Para elas, o auxílio emergencial foi um alento. Receberam o benefício cerca de 65 milhões de pessoas, entre autônomos, desempregados e trabalhadores informais como Rosa, Rafaela e Lúcia. No Estado da Bahia, 54% dos domicílios tiveram algum indivíduo contemplado pelo Programa, segundo dados do PNAD-Covid (IBGE, 2020). Devido a falhas burocráticas, nem todos os que tinham direito receberam o dinheiro, ao passo que algumas pessoas que não tinham direito se inscreveram indevidamente e conseguiram. Ainda assim, evitou que milhões de brasileiros ficassem abaixo da linha da pobreza extrema.

A pressão por ajuda emergencial veio de uma coalizão de mais de 160 organizações e movimentos da sociedade civil brasileira. Em abril, a Renda Básica Emergencial foi aprovada pelo Congresso, com algumas revisões, e, posteriormente, sancionada pelo presidente. A taxa mensal da ajuda emergencial aprovada, de R\$600,00 e R\$1200,00 (para mães solteiras) era muito mais alta do que a própria proposta do Governo Federal, que foi de uma taxa fixa de R\$200,00 mensais (Rede Brasileira de Renda Básica, 2020; Benites; Betim, 2020).

Quando perguntada sobre o que faria quando o Auxílio Emergencial acabasse, Lúcia demonstrou profunda preocupação e disse ter medo de que o governo acabe com o Programa. Para a família dela, esse dinheiro foi o que permitiu que não faltasse comida dentro de casa, ela ainda conta com três cestas básicas doadas pelo Governo Municipal. Para a família de Ana, que perdeu a renda de suas vendas informais e parte do salário do marido, o auxílio é de grande ajuda, embora insuficiente; ainda é bem difícil pagar tudo como aluguel, alimentação, artigos de necessidade básica e eles ainda acumulam algumas contas abertas.

Rafaela, embora seja mãe solteira, recebia inexplicavelmente apenas R\$600,00, do Auxílio Emergencial. Como suas atividades econômicas também foram suspensas, ela vivia basicamente com esse dinheiro.⁷ O benefício foi estendido por quatro meses, de setembro a dezembro, mas a uma taxa reduzida de R\$300,00 e R\$600,00 para mães solteiras que, para muitas pessoas, nem chega a pagar o aluguel. Para a sorte de Rafaela, a moradia pública, construída pelo Estado onde ela mora, não tem aluguel, então, ela não corre o risco de ser despejada como muitas outras famílias pobres no Brasil.

O fechamento das escolas afetou a vida de todas elas. Rosa, Rafaela e Lúcia têm filhos pequenos e adolescentes matriculados na escola, que passaram a mandar atividades para serem feitas em casa. Desde que as aulas foram suspensas, no mês de março, elas assumiram parcialmente o papel de professoras também, além de serem mães em tempo integral. Rosa e Rafaela falaram do medo de deixarem os filhos voltarem à escola ainda em 2020, pois elas

⁷ Sua filha estudava em uma escolinha local, por isso ela não foi contemplada com as cestas básicas distribuídas pela prefeitura de Salvador para alunos de escolas públicas.

achavam que o vírus ainda não estaria controlado e seria difícil manter as crianças seguras.⁸ Dona Conceição, uma senhora de pouco mais de 50 anos, também é professora infantil e secretária em uma escolinha local e teve o trabalho e o salário reduzidos, ela estava recebendo apenas 10% do que recebia anteriormente e temia a possibilidade de perdê-lo. Ela também precisou trancar a faculdade particular, em que cursava o 5º semestre de Serviço Social, pois não conseguiu mais pagar.

Duas de nossas interlocutoras são mães solteiras e arcam com os custos da criação dos filhos sozinhas. Lúcia tem três filhos, ela havia ganhado na justiça o direito a uma pensão mensal de R\$200,00, mas, desde que começou a pandemia, o pai das crianças não paga a pensão, fato que é recorrente, dessa vez com a justificativa de que o auxílio emergencial seria suficiente. Para Lúcia, o auxílio foi uma espécie de “benção”, o valor a que ela teve direito é bem mais alto do que a renda mensal que ela conseguia ter, que mantinha sua família abaixo da linha da pobreza. Esse dinheiro garantiu uma alimentação melhor para ela e seus filhos e foi usado para pagar despesas de casa e dívidas acumuladas há muito tempo. Rafaela, por sua vez, tem uma filha, ainda criança, ela estava matriculada em uma escolinha particular local até agosto, mas, por dificuldades financeiras e por não ter aulas esse ano, Rafaela optou por cancelar a matrícula.

Soma-se a essa realidade descrita o fato de que elas são as principais cuidadoras de suas famílias e relatam uma sobrecarga de trabalhos domésticos, o cuidado em tempo integral dos filhos, já que o meio período em que passavam na escola foi suspenso, e a preocupação e os custos de manter o vírus fora de casa. Os companheiros de Rosa e de Dona Conceição mantiveram seus empregos e elas relatam os cuidados com as roupas deles ao retornarem para casa.

ISOLAMENTO SOCIAL, ESTRESSE EMOCIONAL, MEDO E INCERTEZA COM O FUTURO

No começo, eu pensei que ia ficar louca. Ficava vendo um bocado de coisa, não conseguia dormir, amanhecia o dia em claro. Cochilava, acordava, não conseguia dormir. Você saber que vai dormir, vai acordar e isso não vai acabar.
(Fala de Rafaela).

Em agosto de 2020, Salvador fechou com 76.415 casos confirmados de covid-19, o número de mortes era de 2.347 (Salvador, 2020). O isolamento social tem sido recomendado como uma das principais estratégias de enfrentamento à pandemia do coronavírus, pela Organização Mundial da Saúde e por chefes políticos em todo o mundo. Alguns governos adotaram medidas de distanciamento social, suspendendo atividades não essenciais, flexibilizando outras para que pudessem ser realizadas via *home office*, restringindo circulação em determinados locais públicos, recomendando o mínimo de contato possível em atividades indispensáveis. Contudo, pesquisa do Datafolha apontava que o índice de isolamento social começava a reduzir (Datafolha, 2020).⁹ Como as mulheres relataram, as ruas estavam vazias,

⁸ Este artigo foi escrito finalizado no mês de dezembro e até o momento não há uma data oficial para o retorno às aulas no Estado da Bahia ou no município de Salvador.

⁹ Em pesquisa realizada pelo instituto Datafolha, o índice de isolamento social em agosto era de 51%, sendo que destes 43% saiam de casa quando necessário e 8% não saiam de casa de forma alguma. Os meses anteriores apresentaram índices mais altos.

mas, ao mesmo tempo, nas comunidades também houve muitas aglomerações com festas durante a quarentena.

Um vácuo de presença se instalou a partir das medidas de isolamento e distanciamento social adotadas pelo governo estadual e municipal com o intuito de conter a propagação do vírus. Bittencourt (2020, p.171), define isolamento social como sendo uma “situação de contenção humana no perímetro domiciliar”, Aquino e Lima (2020, não paginado), por sua vez, o definem como “sendo a separação das pessoas doentes daquelas não infectadas com o objetivo de reduzir o risco de transmissão da doença”. Para essas mesmas autoras, o distanciamento social é entendido como “medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas” (não paginado). Todas as definições descortinam uma realidade não só de maior distância com outros indivíduos, mas também de um confinamento doméstico em tempo quase integral com todas as obrigações que essa realidade trouxe.

Para nossas interlocutoras, a quarentena com o isolamento e distanciamento social foi uma realidade bem difícil. Ansiedade, estresse, insônia, angústia, tristeza e o uso de remédios para dormir por si próprias ou por terceiros são relatos frequentes nas falas delas. Como Rafaela disse: “A gente tá vivendo uma vida sem paz”. Santos em *A cruel pedagogia do vírus* (2020, não paginado) chama a atenção para o fato de que a quarentena seria especialmente difícil para as mulheres e, em certa medida, até perigosa. Os motivos dessas dificuldades não eram distintos daqueles encontrados nas histórias que ouvimos, onde todas relataram que a rotina dentro de casa ficou bastante estressante, os desafios passavam por reorganizar as atividades diárias, encontrar novas atividades para ocupar o tempo dos filhos, viver na corda bamba entre as despesas domésticas, que aumentaram no período da pandemia, o medo da doença, a sensação de que a violência no bairro aumentava e a incerteza do futuro.

Para Rafaela e Lúcia, o desafio é ainda maior: conviver com toda família, em tempo integral, em 42m², espaços domésticos precários e sem área de lazer. Soma-se a isso, o fato de que os brasileiros convivem, desde o início da pandemia, com divergências de discursos oficiais sobre a doença e a condução da crise que ela provocou entre Governo Federal, de um lado, e Governos Estadual e Municipal, de outro.

Rafaela nos contou que deixou de assistir aos noticiários, eles a deixavam mais ansiosa e com medo. Embora ela saiba que o objetivo da quarentena é impedir a propagação do vírus, ela a acha insuportável. Para quem estava acostumada a sair todos os dias e a “correr atrás”, como ela diz, querendo ser trabalhadora e constantemente ganhar dinheiro, é muito difícil ser forçada a ficar em casa. Ela sofre com a sobrecarga de ter que ensinar o conteúdo das atividades escolares à filha. No início da quarentena, ela perdeu o sono e, além de conviver com a insônia, ela fala bastante em depressão. O espaço doméstico nunca foi muito confortável para ela, que divide um quarto apertado com a filha, na casa da avó. Elas se espremem junto com os seus objetos num cômodo do andar de cima, a sensação é de que toda a vida delas está guardada neste mesmo quarto. Os sonhos de Rafaela oscilam entre construir um quarto puxadinho para sua filha e conquistar a casa própria em outro bairro, distante dali. Embora tente seguir uma quarentena mais rígida, as fugas para a casa da irmã parecem ser frequentes, como uma estratégia para aliviar a tensão cotidiana. Antes de sair, porém, ela tem que deixar toda a casa arrumada, organizada e a comida feita para a avó de 80 anos.

As duas moram nas casas do conjunto habitacional cedidas pelo Estado. Lucia, embora pareça ter se adaptado melhor ao espaço doméstico, também fala de ansiedade, de estresse por ter que ficar presa em casa. Assim como Rafaela, ela conta que deixou de ver as notícias sobre a doença e que também não procura se informar mais para não ficar mais ansiosa. Ela nos contou que temia mais o fim do Auxílio Emergencial do que a própria doença.

Rosa, junto com seu marido e os dois filhos, se mudou, alguns meses antes da pandemia começar, para outro bairro também periférico. Essa decisão foi tomada depois de muito aborrecimento e tentativas frustradas de uma reforma fracassada em sua casa, em São Mateus, feita pelo governo estadual durante o projeto de urbanização. Nas palavras dela, “a gente não tinha mais o que mexer, pra onde mexer, na verdade, a gente não poderia mais tirar um bloco do lugar devido à estrutura mesmo da casa que já tava abalada, o que a gente vinhesse a fazer poderia cair”. A casa era muito pequena, “três vãos”, e ela se sente aliviada por ter abandonado aquele lugar tão precário, mesmo que isso tenha significado pagar aluguel. Da mesma forma que Rafaela e Lúcia, ela fala do estresse de ficar confinada em casa (que, segundo ela, ainda não é uma casa ideal para sua família, mas possui dois quartos), de como tem sido difícil lidar em tempo integral com os filhos e que foi necessário desenvolver estratégias para criar uma nova rotina com eles. Contou-nos também como foi doloroso deixar sua atividade com vendas e, mesmo o valor de R\$1200,00 do auxílio emergencial, às vezes, não é suficiente para pagar as despesas mensais da família.

Por outro lado, o isolamento social nem sempre é possível. São elas que saem para fazer as compras no mercado¹⁰ ou buscar as atividades dos filhos no colégio, quando não são enviadas pela internet e, por vezes, saem para ajudar algum vizinho da comunidade. Como uma situação já precária de inserção social ficou ainda mais precária com a pandemia, algumas estratégias de solidariedade fazem parte do cotidiano dessas pessoas. A necessidade do trabalho também é uma imposição dada a escassez de dinheiro com que elas vivem. Dessa forma, Rafaela nos confessou que “assim que aparecer alguma coisa eu caio pra dentro, não posso ficar sem trabalhar, não posso ficar parada”.

Dona Conceição, que é missionária em uma Igreja evangélica em São Mateus, conta sobre outras mulheres, mulheres da comunidade, que frequentavam sua igreja e que, na quarentena, também ficaram ansiosas, estressadas e começaram a tomar remédios para dormir.

Embora todas elas tenham falado de ansiedade, estresse, e Rafaela fala até em possibilidade de depressão, quando perguntamos sobre procurar terapia, a surpresa paira no ar. Fica claro que o consumo de terapia não faz parte do habitus social dessas pessoas. No caso dessas mulheres, que nos relatam uma vida dura e cotidiana de “correr atrás” de alguma renda, que nunca é suficiente para pagar as contas, terapia seria uma despesa impensável. Elas também afirmavam não conhecer atendimento psicológico gratuito. Por outro lado, a busca por ajuda espiritual em espaços religiosos que frequentam ou com hábitos religiosos individuais como orações, por exemplo, é uma atividade presente na vida de todas elas.

Os cultos que algumas das mulheres frequentaram foram suspensos no início da pandemia. O Decreto nº 32280, de 23 de março de 2020, recomendava a restrição de, no máximo, 50 pessoas nos templos religiosos e a obediência de distanciamento de, pelo menos, 1,5m entre elas. Na Igreja em que Dona Conceição é Missionária, o pastor começou a realizar os cultos online uma semana após esse decreto. No período da entrevista, os cultos presenciais voltavam aos poucos e eram intercalados com os cultos online, realizados por *lives* nas redes sociais, medidas de segurança eram tomadas no espaço religioso.

Dona Conceição, percebendo um número grande de mulheres ansiosas e angustiadas em sua igreja, neste período de pandemia, fundou um grupo de mulheres e começou a realizar algumas atividades religiosas remotas. Ela conta que foi uma espécie de terapia para algumas delas. A Igreja dela conta com atendimento psicológico e encaminha algumas pessoas para a psicóloga. A Igreja também tem feito esforços para distribuir cestas básicas para fiéis que estão passando por dificuldades financeiras e paga contas de luz e água quando algum deles precisa.

¹⁰ O uso do delivery como meio de comprar artigos de necessidade básica não faz parte do cotidiano dessas famílias, pois além de aumentarem os custos das compras, necessitaria do acesso corriqueiro à internet, que é bem limitado.

Para algumas das mulheres, o momento de crise proporciona experiências de solidariedade em meio à pandemia. Lúcia tem três filhos em escolas públicas e recebe três cestas básicas da Prefeitura Municipal de Salvador. Ela doava, todo mês, uma cesta para uma vizinha idosa que passava por muita dificuldade. Fornecer alimentos básicos para famílias pobres foi uma iniciativa das autoridades municipais para enfrentar a potencial epidemia de desnutrição entre as crianças quando as escolas fecharam; as escolas municipais fornecem uma refeição gratuita para as crianças matriculadas, que, geralmente, é a principal refeição do dia (Folha de São Paulo, 2020).

Para quem não frequentava culto nem online como Rafaela, ela tomou outra iniciativa para não ficar deprimida. Ela começou a cantar e explicou:

Quando eu vejo que eu estou ficando triste, eu ligo o som para não ficar triste, começo a cantar. Eu falo para mim mesmo: “não posso ficar triste, estou com saúde, tô andando, posso fazer tudo o que eu gosto, apesar dessa quarentena”. Entendeu? Aí eu penso assim “eu tô presa, mas eu posso andar, eu posso levantar, eu posso fazer tudo”, aí começa a ligar o som, a cantar, a ficar feliz com a vida. Rafaela acrescentou, tentando se consolar que: “isso vai passar, vai voltar ao normal, por mais que não volte (ao normal), mas a gente tem que crer, né? Inclusive, para pensar assim alto, senão a gente fica mal.

O COVID-19 E AS OUTRAS EPIDEMIAS

Ao falarem sobre o coronavírus, os relatos transitam entre um certo pânico, causado pelo noticiário no início da pandemia, e o sentimento de desinformação em relação à doença. Quando realizamos as entrevistas, em agosto de 2020, a morte por covid-19 tinha atingido pessoas conhecidas para duas de nossas interlocutoras. Uma terceira suspeitava que já tivesse tido a doença, assim como seu filho mais velho e alguns vizinhos na comunidade. Ela chegou a ir ao posto de saúde local, onde recebeu orientação para que se cuidasse em casa e só se dirigisse ao hospital se a situação se agravasse. Rosa, Lúcia e Rafaela pensaram em fazer o teste, mas disseram que os locais destinados para testagem pela Prefeitura ficavam superlotados, o que as desencorajava, pois achavam arriscado estar em aglomerações.

Todas as mães que entrevistamos disseram que ficaram com muito medo no início da quarentena. O fechamento dos estabelecimentos, a suspensão de algumas atividades e serviços, a incerteza de como se contraía a doença, o medo de pegar o vírus e a preocupação de algum familiar adoecer foram coisas nunca antes experimentadas por elas. Ao falar sobre isso, Rosa disse que se viu “muito aterrorizada com muitas coisas, não queria nem que Sofia e João saíssem nem na porta, nem que olhassem, porque eu fiquei muito com medo.”

Além da convivência com a possibilidade de contrair o covid-19, nossas interlocutoras ainda convivem com outras epidemias. Desde 2015, as arboviroses como dengue, zika e chikungunya assolam o território baiano e nunca foram, de fato, erradicadas. Em Salvador, essas doenças ganharam novamente o status de epidemia em 2020. No mês de julho, a cidade experimentou um crescimento vertiginoso dessas doenças, o número de casos de zika passou de 166, no mesmo período em 2019, para 627, em 2020; a chikungunya cresceu de 831 casos notificados para 4.749; e a dengue saltou de 3.112 para 5.980 casos (Bahia, 2020). As mulheres relataram mais casos dessas doenças nas comunidades delas, e nas comunidades religiosas que frequentam, do que casos de covid-19.

Lúcia achava que já tinha pegado o covid-19, pois ela e o filho mais velho apresentaram alguns sintomas, assim como outros vizinhos próximos da comunidade. Ela ficou muito doente e tinha sintomas como febre alta e perda do olfato. No posto de saúde local, não realizaram o teste para comprovar a doença, mas ela foi orientada a ir ao pronto-socorro se sua

condição piorasse. Lúcia também contraiu o vírus da zika no ano passado, o que, segundo ela, foi "muito pior".

A filha de Ana pegou dengue depois que a quarentena começou, mesmo com o cuidado para não deixar os filhos saírem nem na porta, como ela disse. A filha ficou bastante doente, com febre alta e, embora Ana tenha ficado preocupada com os sintomas da menina, preferiu fazer o atendimento pelo telefone, com o Ministério da Saúde, onde recebeu orientações sobre como tratar da doença. No relato dela podemos perceber que a situação se agravou um pouco:

Todo mundo estava tão focado no covid-19 que esqueceu a zika e a chikungunya. Então assim, foi uma semana de luta! Uma febre que não baixava, depois quando tudo cessou, veio a empolgação, porque a zika traz uma empolgação, uma coceira e minha filha se coçavam muito. A gente levou duas madrugadas aqui com ela toda empolada e tomando antialérgico...

Muitos vizinhos de Rafaela e Lúcia sofreram efeitos adversos do estresse emocional, que impactou negativamente aqueles que tinham doenças crônicas como hipertensão e diabetes, doenças comuns na periferia de Salvador (Kolling, 2012). Nas últimas décadas, o Brasil tem passado pelos processos de transição epidemiológica e, conseqüentemente, tem ocorrido um aumento da incidência, prevalência e mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis como diabetes e hipertensão (Ministério de Saúde, 2009). A morbidade e a mortalidade devido às doenças crônicas como diabetes são maiores na população pobre (Schmidt *et al.*, 2011). Tanto Rafaela quanto sua avó lutam contra essas doenças. Os idosos, em particular, temem ir ao hospital para tratamento e, em seguida, contrair o coronavírus. Uma das vizinhas de Rafaela morreu, em agosto de 2020, depois de um ataque cardíaco em casa. Ela foi uma das primeiras moradoras na antiga ocupação e lutou pelo reassentamento com melhores condições em um novo conjunto habitacional.

SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA AUMENTADA

As moradias precárias, a sobrecarga de trabalho doméstico invisível, a incerteza com o futuro e as angústias e ansiedades causadas por ela não são as únicas preocupações dessas mulheres. Nessa última parte do artigo tratamos da insegurança devido aos assaltos frequentes, o tráfico de drogas e a guerra armada da polícia com os traficantes, que estão presentes nos bairros em que vivem. No meio dessas disputas, pessoas comuns e famílias tentam levar suas vidas dignamente (Kolling, 2019).

Nossas interlocutoras já conviviam com uma sensação constante de insegurança antes da quarentena e, desde que a pandemia do coronavírus começou, essa sensação tem aumentado para elas. Rafaela contou que estava tendo "mais crimes" durante a quarentena, que "a bandidagem aumentou mais" e que o tráfico aumentou "porque eles tão tomando conta do Bairro". Ela achou que estava "tendo pouco policial" e explicou que: "Se tiver alguma coisa, quem resolve são eles. A polícia não resolve nada".

A insegurança e a criminalidade já limitavam os movimentos das mulheres e a forma como se comportavam ao saírem de casa. Era costumeiro deixar o celular em casa quando iam buscar os filhos na escola, mesmo perto de onde moravam, e também usavam a estratégia de esconder dinheiro no corpo para evitar que fosse levado, caso acontecesse um assalto. A sensação intensificada de insegurança contribui para reduzir, ainda mais, o movimento delas e as fez ficar em casa além das restrições por conta do coronavírus.

Embora não tenhamos estatísticas sobre aumento de insegurança para este bairro durante a pandemia, um tipo de assalto deixou Dona Conceição muito preocupada, os assaltos a ônibus. O marido dela é motorista de ônibus e sofreu alguns assaltos desde que começou a pandemia. Dona Conceição nos conta que os trabalhadores do transporte coletivo passaram a ser alvos e os horários preferenciais passaram a ser o período em que as empresas estão recolhendo os trabalhadores e levando para as centrais onde ficam os veículos que eles dirigem. A avenida principal, que dá acesso ao bairro, se tornou cenário desses assaltos que são noticiados com frequência no jornal local. O número de roubos a ônibus, registrados esse ano pela Secretaria de Segurança Pública, entre os meses de janeiro e outubro, foi de 1.381 (Bahia, 2020b). Embora a SSP afirme que esse número seja bem menor que no ano passado, a sensação pode ser outra para os trabalhadores do transporte coletivo e suas famílias.

CONCLUSÃO

Em *O direito universal à respiração*, Mbembe (2020) resgatou seu conceito de "redistribuição desigual das vulnerabilidades" ao falar dos tempos pandêmicos. No mesmo sentido, Santos (2020) traçou seu argumento em *A cruel pedagogia do vírus*, mostrando que a pandemia do coronavírus não instalou uma crise desvinculada de um contexto maior de crise neoliberal, pelo contrário, veio aprofundar um estado de crise econômica, social e política permanente do modelo neoliberal em que grupos humanos inteiros ao redor do mundo são relegados à condições vulneráveis de vida, condições essas que se tornam mais evidentes e mais graves no cenário atual (Santos, 2020).

Nesse sentido é que a crise econômica agravada pela pandemia de covid-19 impulsionou a desaceleração econômica e a turbulência política do Brasil, que começaram em 2014. Desde então, houve um aumento da pobreza, da desigualdade e do trabalho informal (IBGE, 2020). Segundo as Nações Unidas, tanto no Brasil quanto na América Latina, mulheres foram afetadas de forma desproporcional pela pandemia, entre outros fatores, porque elas são amplamente empregadas na informalidade e nos setores mais atingidos, embora sua capacidade de absorver choques econômicos seja menor, elas assumem maiores demandas não assalariadas de cuidados em casa (Eclac, 2021). Essa realidade se materializa na vida das mulheres da nossa pesquisa. As preocupações com a aquisição de dinheiro, com a saúde e a educação dos filhos são mais constantes que antes, assim, elas passam a conviver com angústias, ansiedade e incerteza com o futuro. Elas queriam que a vida voltasse 'ao normal', mas sem nenhuma perspectiva disso. Como dona Conceição disse na entrevista: "as coisas não vai melhorar, vai piorar. De acordo a palavra de Deus, ainda tem muita coisa aí por vir. É uma das etapas ainda."

Elas vivem como a maioria das mulheres negras nas periferias de Salvador e de outros grandes centros urbanos: levam uma vida em que "correr atrás" cotidianamente é o meio de sobrevivência econômica. Com a alta concentração dessas mulheres em empregos informais e de baixa remuneração, somado ao aumento do trabalho doméstico, do cuidado com crianças, que não podem ir à escola ou creches, as mulheres em bairros pobres de Salvador enfrentam o aumento das vulnerabilidades financeiras e sociais. As moradias precárias também tornam as experiências de quarentena mais difíceis. Algumas de nossas interlocutoras passam parte significativa de seu dia confinada em 42m², devido à exigência de isolamento social, das medidas de distanciamento social, do lockdown temporário no bairro, e também da insegurança fora de casa. A pandemia afetou psicologicamente essas pessoas, que passaram a conviver com a ansiedade, o estresse e a insônia. Mais que medo do coronavírus em si, as mulheres temiam a pobreza e as outras epidemias impactando a vida e a saúde da população na periferia de Salvador.

A fragilidade da vida dessas pessoas, somada à sobreposição de carências e um alento financeiro dado pelo auxílio emergencial fez com que elas tivessem mais medo do fim do auxílio que da própria doença em si. Em estudo do Data Favela, publicado em março de 2020, apontava-se que “7 a cada 10 famílias da favela tiveram a renda familiar diminuída por causa do coronavírus” (Data Favela, 2020), os dados são de antes da aprovação do Auxílio Emergencial. Essa é a realidade que volta a espreitar novamente a realidade de milhões de brasileiros. Assim, a pandemia de covid-19 está tendo um impacto desigual em diferentes territórios e grupos sócio raciais que constituem o espaço urbano, o que aprofunda ainda mais as já avassaladoras desigualdades em uma cidade como Salvador (Oliveira; Arantes, 2020).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.; LÜMANN, L.; MARTELLI, C. A pandemia e seus impactos no Brasil. **Middle Atlantic Review of Latin American Studies**, vol. 4, nº 1, p. 20-25, junho, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carla_Almeida23/publication/342653340_A_pandemia_e_seus_impactos_no_Brasil/links/5f443492299bf13404eef669/A-pandemia-e-seus-impactos-no-Brasil.pdf. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.
- AQUINO, Estela M. L.; LIMA, Raíza Tourinho dos Reis Silva. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 25, junho, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.
- BAHIA. **Informe Epidemiológico das Arboviroses Urbanas, Semana Epidemiológica 06, Bahia**, 2020. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Disponível em: http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/informeArbovirosesSemana06_2020.pdf. Acesso em: 24 de maio de 2021.
- BAHIA. Mês de outubro tem a maior queda de roubos a ônibus no ano. **Secretaria de Segurança Pública**, Bahia, 2020b. Disponível em: <http://www.ssp.ba.gov.br/2020/11/8697/Mes-de-outubro-tem-a-maior-queda-de-roubos-a-onibus-no-ano.html>. Acesso em 26 de dezembro de 2021.
- BENITES, Afonso; BETIM, Felipe. Congresso aprova renda básica por crise do coronavírus enquanto Planalto luta por protagonismo. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-31/congresso-aprova-renda-basica-emergencial-por-crise-do-coronavirus-enquanto-planalto-luta-por-protagonismo.html>. Acesso em: 23 de maio de 2021.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**. nº 221, p.168-178, mar./abr., 2020. Bimestral. Ano XIX - ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827/751375149744>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.
- CARVALHO, Ináia M.M; PEREIRA, Gilberto Corso (Org). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- CARVALHO, Inaiá; FERNANDES, Cláudia Monteiro. Transformações recentes da estrutura social das metrópoles brasileiras - Relatório RMS. In: **TD Observatório das Metrôpoles**, nº 009, 2019, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/wp-content/uploads/2019/11/RMS_Final.pdf. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.
- CONDER e SEDUR. **Parte 2 – Política de Atendimento do Programa de Reassentamento Involuntário**. 2009. Salvador da Bahia, Brazil.
- COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio De Janeiro, vol.54, nº 4, p.969-978, jul./ago., 2020. Epub Aug 28. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122020000400969&script=sci_arttext. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

DA REDAÇÃO. "Salvador tem segunda maior taxa de desocupados entre as capitais, diz IBGE". **A Tarde**, Salvador, 15 de mai. 2020. Disponível em: [https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2127613-salvador-tem-segunda-maior-taxa-de-desocupados-entre-as-capitais-diz-ibge#:~:text=Salvador%20%C3%A9%20a%20segunda%20capital,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\)](https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2127613-salvador-tem-segunda-maior-taxa-de-desocupados-entre-as-capitais-diz-ibge#:~:text=Salvador%20%C3%A9%20a%20segunda%20capital,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE).). Acesso em: 03 de janeiro de 2020.

DATA FAVELA. **Coronavírus nas favelas**. Instituto Locomotiva, 2020. Disponível em: https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Coronav%c3%adrus-nas-favelas_divulg_rev2.pdf. Acesso em: 24 de maio de 2021.

ECLAC - Economic Commission for Latin America and the Caribbean, United Nations. **Social Panorama of Latin America, 2020**. Rev.1, Santiago, 2021.

HARDON, Anita, et al. 2001. *Health Systems in Applied Health Research Manual - Anthropology of Health and Health Care*. Amsterdam: Het Spinhuis.

IBGE. Censo Demográfico 2010. **IBGE**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) COVID-19. Microdados**. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_PNAD_COVID19/Microdados/PNAD_COVID19_052020.zip. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.

ISOLAMENTO atinge menor patamar da pandemia em dezembro. **Datafolha Instituto de Pesquisa**, 2020. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989191-isolamento-atinge-menor-patamar-da-pandemia-em-dezembro.shtml>. Acesso em: 24 de mai. de 2021.

KOLLING, Marie. 2012. *Doing gender, doing away with illness. Diabetic disruptions to masculinity and sexuality in Northeast Brazil*. **Nordic Journal for Masculinity Studies**, 7(1), 91-115. Disponível em: https://www.idunn.no/norma/2012/01/doing_gender_doing_away_with_illness_diabetic_disruptions. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

KOLLING, Marie. 2019. Becoming Favela: Forced Resettlement and Reverse Transitions of Urban Space in Brazil. **City & Society**, vol. 31(3), p.413-435, nov., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ciso.12237>. Acesso em: 15 de dezembro de 2020.

KOLLING, Marie. 2020. *Debt and Dirty Names: Tracing Cashlessness and Urban Marginality in Brazil*. In: **Who's Cashing In? Contemporary Perspectives on New Monies and Global Cashlessness** (eds. Sen A, Lindquist J, Kolling M). Berghahn Books. *Critical Interventions: A Forum For Social Analysis*, Vol. 19. Disponível em: https://berghahnbooks.com/downloads/OpenAccess/SenWho/SenWho_02.pdf. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.

MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; BOMFIM, Helder Freitas. Covid-19 no Brasil: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, vol. 2, p.01-10, jan./dez, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8189>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

MADEIRO, Carlos. Covid-19 já é a maior causa de mortes no Brasil registrada em um único ano. **UOL**. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/15/com-133-mil-obitos-covid-ja-tem-recorde-como-causa-morte-no-pais-em-um-ano.htm> Acesso em: 22 de maio de 2021.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

MENDONÇA, Heloísa. PIB tem queda histórica de 9,7% no segundo trimestre e pandemia arrasta o Brasil para recessão. **El País**. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/economia/2020-09-01/pib-tem-queda-historica-de-97-no-segundo-trimestre-e-pandemia-arrasta-o-brasil-para-recessao.htm>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerbada desigualdades na saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.25, nº 9, p.3555-3556, set., 2020. Epub Aug 28. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000903555&script=sci_arttext. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2009. **Painel de Indicadores do SUS**. Brasília. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/panoramico_v_3_n_7.pdf. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

PEREIRA, Carla Galvão; ARANTES, Rafael de Aguiar. *Fighting Covid-19 in Salvador: cooperation and conflict in intergovernmental relationship*. **Revista Ambiente e Sociedade**. vol.23, p.1-11, jul., 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-753X2020000100901&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

OBSERVATÓRIO de bairros Salvador. Salvador. Disponível em: <https://observatoriobairros.salvador.ufba.br/bairros/sao-joao-do-cabrito>. Acesso em: 17 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de; ARANTES, Rafael Aguiar. Neighborhood Effects and Urban Inequalities: the impact of covid-19 on the periphery of Salvador, Brazil. **City & Society**, vol. 32 (1), abr., 2020. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ciso.12266>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

PORTAL COVID-19 BRASIL. Disponível em: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/municipios-br/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

RENDA básica emergencial: a campanha que levou a ela e seus passos. **Rede Brasileira de Renda Básica**, 2020. Disponível em: <http://rendabasica.com.br/renda-basica-emergencial-campanha-levou-ela-seus-proximos-passos/>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

SALVADOR, Decreto nº 32280, de 23 de março de 2020, Diário Oficial do Município. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391448>. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

SALVADOR. **Informe Salvador**, 2020. Disponível em: <http://informe.salvador.ba.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2021.

SECOM. Salvador decreta situação de emergência e fecha shoppings contra coronavírus. 18 de março, 2020. Disponível em: <http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias-4/56277-salvador-decreta-situacao-de-emergencia-e-fecha-shoppings-contra-coronavirus> Acesso em: 22 de maio de 2021.

SCHIMIDT, Maria Inês; et. al. 2011. *Chronic non-communicable diseases in Brazil: Burden and current challenges*. **The Lancet** 377(9781), 1949-1961.

SOARES, Antonio Mateus de C. Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador. **Geografias**. +Belo horizonte, vol.05(1), p.83-96, jan./jun., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13265/10497>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

NAÇÕES UNIDAS. *The Impact of COVID-19 on Latin America and the Caribbean*. **Policy Brief**, jul, 2020. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/policy-brief-impact-covid-19-latin-america-and-caribbean-july-2020>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

VALADARES, et. al. Alunos recebem refeição diária, cestas básicas e vouchers como merenda. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/alunos->

recebem-refeicao-diaria-cestas-basicas-e-vouchers-como-merenda.shtml. Acesso: 28 de dezembro de 2020.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Pobreza Urbana e a formação de bairros populares em Salvador na longa duração. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 20, p.19-30, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74005/77664>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia do covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Caderno de Saúde Pública**, vol. 36 (5), p.1-4, mai., 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36n5/e00068820/pt/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

INFORMAÇÕES DAS AUTORAS

Tháise Sá Santos

Cientista Social e Cientista Política formada pela Universidade Federal da Bahia.

Professora no Estado da Bahia e assistente de Pesquisa no Danish Institute for International Studies-DIIS.

E-mail: thaise_itapetinga@hotmail.com

Marie Kolling

Anthropology, PhD, Institute of Anthropology, Copenhagen University

Danish Institute for International Studies, DK

E-mail: mako@diis.dk

Orcid: orcid.org/0000-0002-7696-1022

Recebido em: 12/01/2021

Aceito em: 16/08/2021